

# ARISTÓFANES: A POÉTICA DA UTOPIA

## ARISTOPHANES: THE UTOPIAN POETRY

Ariadne Borges Coelho

### RESUMO

Neste artigo vamos analisar a relação dialógica entre as peças de Aristófanos, tendo como foco o desejo por uma cidade ideal, a utopia, como o Poeta, através da *poiesis* equaciona as fragilidades da *praxis*, a Morte e a Catábase. Das onze peças do comediógrafo, que chegaram aos nossos dias, nos deteremos, principalmente, em seis: *As Rãs*, *As Nuvens*, *Paz*, *As Aves*, *As mulheres no Parlamento* e *Os Acarnenses*. Demonstraremos como a cidade ideal assemelha-se com as cidades desejadas pelos personagens de Aristófanos.

**Palavras chave:** Aristófanos; Utopia; *Poiesis*; *Praxis*; Cidade Utópica.

### ABSTRACT

*The dialogical relationship between Aristophanes' plays is the main subject of analysis in this article. Our focus is on the desire for an ideal city, and how utopia, as the Poet, equates the weaknesses of praxis, Death and Catabase through poiesis. We will look carefully into six Aristophanes' plays that have come to ours days: The Frogs, The Clouds, Peace, The Birds, Assembly of women and The Acharnians. We will demonstrate how the ideal city resembles the cities desired by Aristophanes' characters.*

**Keywords:** Aristophanes; Utopia; *Poiesis*; *Praxis*; City Utopian.

### INTRODUÇÃO

A comédia de Aristófanos pode ser estudada de várias maneiras: pode ser política, preocupada com as questões de gênero, fonte de entendimento para a Grécia Clássica (séc. V.a.C.), paródica e – principalmente - dialógica. Das mais de quarenta peças escritas pelo comediógrafo, chegaram aos nossos dias onze. Propomos nos deter em seis, na tentativa de empreender uma Poética da Utopia.

O riso, notadamente, seria o primeiro objetivo da comédia. No entanto, o riso também tem um efeito catártico e regenerador decorrente de emoções provocadas pela ação cômica. Se na tragédia é preciso um distanciamento, o efeito da comédia está na proximidade com a situação. O poeta cômico provoca o riso e educa a cidade através da denúncia, da sátira política e das inversões.

Aristófanes através da *poiesis* (comédia) equaciona as fragilidades da *praxis* da cidade e as potencialidades que a *poiesis* tem como instrumento de reflexão e consequente mudança para a comunidade. O poeta, ao longo de suas peças, acena para o povo em busca de uma cidade ideal.

Observamos em *Aves* e *As Mulheres no Parlamento* que a cidade utópica não funciona. Na segunda peça, as mulheres tomam o parlamento e criam novas leis, todas privilegiando a igualdade. As mulheres se disfarçam de homens para irem à assembleia no lugar dos seus maridos. Aqui, temos a habitual crítica de Aristófanes sobre os maus governantes da cidade e a sua consequente má administração. Como as mulheres dificilmente saíam de casa possuíam a pele mais branca. Mesmo se empenhando em bronzear-se, ainda assim, ficavam com a tez mais clara que os homens. Na peça, quando elas entram na assembleia, os presentes questionam-se porque tantos sapateiros (por ser um ofício característico de local fechado) estiveram presentes hoje:

Cremes: Havia para lá gente aos montes, como nunca se junta na Pnix. Olhava-se para eles, tinham todos cara de sapateiros, fazes lá ideia! Palavra, era de pasmar, ver aquela assembleia cheia de gente pálida. Por isso, trióbulo, viste-o!...nem eu, nem outros tantos como eu! (ARISTÓFANES. vv. 384-388).

A ideia defendida pelas mulheres era deixar o governo como responsabilidade delas, desta forma elas cuidariam da cidade da mesma maneira e com a mesma seriedade que cuidam do lar. Por estarem em maioria, aprovaram e sancionaram o projeto. Dois homens chegam atrasados, trajando as roupas de suas mulheres, por não encontrarem suas roupas.

A principal mudança empreendida pelas mulheres era o fim da propriedade privada. Assim, não haveria ricos nem pobres. Todos deveriam entregar os seus pertences. As mulheres também seriam um bem comum entre todos os homens, porém, as mais velhas tinham prioridade perante as mais jovens. Seriam pais das crianças todos os homens que tivessem idade para tal. Seguindo o mesmo raciocínio, os jovens não mais bateriam nos velhos, pois eram agora seus pais.

A peça encerra-se com um jantar coletivo e uma briga entre uma jovem e uma idosa. O rapaz ia visitar sua amada, mas a velha solicitou sua prioridade. Depois,

apareceu outra velha mais feia e, por fim, outra mais feia ainda. Magaldi demonstra que “a tese do amor livre não resiste à cômica urdidura aristofanesca. O impulso irresistível da natureza humana leva o jovem a procurar a jovem, o belo a querer a bela.” (MAGALDI, 1999, p. 39). A mudança pretendida e a falta de noção de propriedade privada mostra-se absurda.

Em *Aves* temos dois velhos (Pisetero e Evélpides) procurando um lugar melhor para morar, já que em Atenas se paga muito imposto: “Não odiamos aquela cidade pelo que ela é: grande por natureza, feliz e comum a todos que pagam taxas” (ARISTÓFANES. vv. 35-6). Para Magaldi, a peça “representa o momento mais perfeito da criação de Aristófanes” (1999, p. 31), justamente por satirizar a *pólis* ateniense por completo, através de uma “insuspeitada metáfora poética”.

Acreditamos, como Pompeu (2011), que esta peça, assim como *Tesmoforiantes*, pode ter sido utilizada por Platão na construção do discurso de Aristófanes, no *Banquete*, sobre os seres duplos. Evélpides e Pisetero procuram Tereu, um lendário homem-pássaro que, persuadido pelo segundo velho, convoca outros pássaros, os quais formam o coro e, juntos, constroem uma cidade nas nuvens, entre os deuses e os humanos:

Pisetero: Digamos, o universo delas. Só que, como gira e tudo cá vem parar, é conhecido hoje em dia por “orbe”. Colonizem-na, fortifiquem-na com muralhas, e de “orbe” vai passar a chamar-se “urbe”. De tal forma que vocês vão andar em cima dos homens como de gafanhotos. E quanto aos deuses, vão dar cabo deles à fome, uma fome de fa...mélios. (ARISTÓFANES, vv. 180-5).

A ideia deles era deixar os deuses olímpicos com fome, barrando a fumaça dos sacrifícios feitos pelos humanos. Magaldi nos chama a atenção quando diz que Aristófanes “Ao invés de satirizar os vícios próximos, no cenário habitual, inventou uma cidade imaginária, na qual se reproduzem os males conhecidos.” (MAGALDI, 1999, p. 31). As pessoas que desejam habitar a cidade, na verdade demonstram que estão em busca de benefícios próprios, desta forma, a “Cuconuvolândia” está fadada a ser possuidora dos males que os seus criadores tanto quiseram evitar. Depois de pronta, a cidade e a cosmogonia dos pássaros, visitantes aparecem e são todos postos para fora, por quererem fazer parte da nova cidade, somente por interesses:

“Todos que o procuram não desejam na verdade viver como pássaros, mas querem combinar poderes humanos e de pássaros” (POMPEU, 2011, p.121).

Em *Acarnenses*, Diceópolis, o *cidadão justo*, cansado dos males da guerra contra o Peloponeso, decide comprar a paz para si por oito dracmas: “Toma lá estas oito dracmas e vai, em meu nome, fazer tréguas com os Lacedemônios, só para mim, para os meus filhos e para a minha mulher.” (ARISTÓFANES. vv. 130).

O vinho representa tanto a paz quanto a libação, como explica Pompeu (2011, p.36): “(...)as tréguas, cuja designação em grego é a mesma de libações, *spondai*.” foram compradas por Diceópolis especialmente para a comemoração das Dionísias Rurais, funcionando, duplamente, como um agradecimento e culto a Dioniso, culminando com a representação do Teatro Grego. Se a própria comédia já é um ritual para honrar Dioniso, nesta peça encontramos uma importante fonte e documento sobre a performance ritualística nas Dionísias Rurais (cortejo folclórico relacionado ao culto à fertilidade) e Falofórias:

Filha: Mãe, dá-me cá a colher, para eu espalhar o purê em cima deste bolo.

Diceópolis: Pronto, está bem assim. Dioniso, meu senhor, que te seja agradável este cortejo que aqui te trago, e os sacrifícios que faço em tua honra com toda a minha gente. Que eu possa celebrar, feliz, estas Dionísias rurais, longe das fileiras, e que essas tréguas que acordei por trinta anos me tragam a felicidade. (ARISTÓFANES. vv. 245-252).

Fales, companheiro de Baco, seu conviva, noctívago, adúltero, pederasta, ao fim de seis anos pude agora saudar-te, de regresso à minha terra, com o coração em festa, depois de ter feito umas tréguas só para mim, livre de questões, de lutas, e de Lâmacos. (ARISTÓFANES. vv. 265-270).

A paz adquirida pelo representante da cidade justa proporciona a ele os prazeres físicos (Pompeu, 2011, p.38) provenientes de Dioniso: comida, bebida e sexo. Todos, relacionados aos orifícios analisados por Bakhtin na sua análise d'*A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* – no contexto de François Rabelais (2008) como baixo-corporal. Desta forma, a fartura e o exagero ligados ao

corpo na comédia aristofânica também é cara a Bakhtin, em seu estudo sobre o riso.

Em *Rãs* e *Paz* Dioniso e Trigueu empreendem uma viagem ao além. Na primeira peça é uma descida, uma catábase ao mundo dos mortos. Na segunda peça é uma anábase, mas que também pode ser entendida como uma viagem aos infernos, pela simbologia e imagens descritas. Podemos aproximar as duas peças do Mito de Er, encontrado na *República*, e como a morte e os diálogos entre mortos e/ou com mortos acontecem. A cidade ideal da *República* de Platão assemelha-se com as cidades desejadas pelos personagens de Aristófanes. Os mundos encontrados nessas viagens também podem ser vistos como cidades utópicas. Por fim, as peças descritas acima culminam com o embate em *Nuvens*, peça marcante, principalmente por causa da crítica de Aristófanes aos ensino.

Vista como ambivalente, a comédia aristofânica demonstra uma preocupação com a *pólis*. Ao contrário do que demonstram alguns comentadores de Platão, não só a filosofia preocupava-se com a cidade. Canfora (2014) em seu estudo demonstra que Aristófanes estaria respondendo à Platão. Em que medida Platão, por ser posterior a Aristófanes, responde ao Poeta, sobre a cidade ideal, a utopia e a morte. O comediógrafo, através de suas peças, acenava ao público ateniense, fazendo com que eles desejassem também uma cidade ideal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mostramos como os personagens de Aristófanes desejavam uma cidade justa, com paz e vida tranquila, como a vida campestre, semelhante à cidade ideal de Sócrates. Aristófanes através da sua comédia (*poiesis*) pondera as fragilidades da *praxis* da cidade e empreende um espaço de diálogo, reflexão e consequente mudança para a comunidade.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES. **As Aves**. Tradução, introdução, notas de Maria de Fátima Sousa Silva. Lisboa, Edições 70, 2006.

\_\_\_\_\_. **As Rãs** Prefácio, tradução do grego, introdução e notas de Américo da Costa Ramalho. Lisboa:Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os Acarnenses**. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.

\_\_\_\_\_. **As Mulheres no Parlamento**. Tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.

\_\_\_\_\_. **As Nuvens**. Tradução de Gilda Maria Reale Starzynski. In: Sócrates. Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. **Paz**. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984.

\_\_\_\_\_. **Tesmoforiantes**. Tradução de Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Via Leitura, 2015.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. São Paulo: Ars Poética, 1992.

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo, 2008.

CANFORA, Luciano. **La Crisi dell'utopia: Aristofane contra Platone**. Roma: Editori Laterza, 2014.

CORNELLI, Gabriele (Org.) **Representações da cidade antiga**: categorias históricas e discursos filosóficos. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Clássica Digitalia, Archai. 2010.

FIALHO, Maria do Céu. **Poiesis e Poietes: à volta do espaço imaginário**. LAURIOLA, Rosanna. **Os gregos e a utopia**: uma visão panorâmica através da literatura grega. Tradução de Eva P. Bueno. Revista Espaço Acadêmico, n 97, junho de 2009.

MAGALDI, Sábato. **Visão de Aristófanes**. In: O Texto no Teatro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

OLIVEIRA, Francisco de & SILVA, Maria de Fátima. **O teatro de Aristófanes**. Coimbra, Faculdade de Letras, 1991.

PLATÃO. **A República**. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pareira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1993.

POMPEU, Ana Maria César. **Aristófanes e Platão**: a justiça na Pólis. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Dioniso Matuto**. Curitiba: Editora Appris, 2014.

SOUSA, Eudoro de. **Catábases**: estudos sobre viagens aos infernos na Antiguidade. São Paulo: Annablume Clássica, 2013.